

UMA REVISTA

RUBEM BRAGA

LEIO uma revista de moços, e me comovo, não muito com a poesia, mas com dois trechos em prosa.

A poesia desses moços é, na verdade, escassa e difícil. Eles são ambiciosos, e desejam começar pelo alto, o que pode ser um bem, mas principalmente pode não conduzir a nada. Eu lhes daria, se fôsse ouvido, um conselho de quem não é poeta, mas ama a poesia onde a encontra: conversem com... Portinari.

Visitei-o outro dia, para ver esse painel soberbo que está fazendo para uma escola de Cataguazes sobre o Tiradentes. O pintor me parecia menor, tendo atrás de si os grandes vultos coloridos dos juizes que interrogam os inconfidentes: fidalgos de costas, o primeiro palpitando de amarelo e violeta, o segundo verde, o terceiro amarelo, o quarto azul.

Para pintar a quatro metros de altura tem de subir a uns caixotes que pregou em cima de uma mesa, um "cadafalso" que me parece oscilante e precário; não consegue acertar com nenhum aprendiz, apenas no fim da semana vem seu irmão Lói que o ajuda. E conta que quando menino chegava às cinco da manhã na igreja que uns italianos estavam pintando em Brodowski. Varria o chão, arrumava tudo, limpava bem os pincéis, preparava as tintas, punha um paninho molhado em cima de cada cor e às seis horas, quando os homens chegavam, tudo estava em ordem.

Conta que em dez anos nunca faltou a uma aula da Escola; e de repente exclama, irritado à lembrança de um jovem de hoje que pretende fazer pintura genial: "Não sabe desenhar um nariz! Não sabe preparar uma tela!". E me explica que pintor deve ser feito operário, precisa trabalhar mesmo, aprender seu ofício, precisa "sulancar".

A expressão não é muito poética; mas é humilde. Um pintor de paredes pode olhar com desprezo um quadro de Cândido Portinari, não entendendo e achando horrível, mas Cândido Portinari pega sua

lata, sua broxa e sua escada e pinta a parede — e o outro reconhece que ele fez um serviço lúcido.

Tudo isso talvez não tenha nada a ver com poesia; mas encerra uma grande lição de humildade que o poeta, como qualquer outro, pode recolher. Reveja Manuel Bandeira, melo deitado na cama, consultando com paciência uma palavra atoa no dicionário; ele quer ver seu sentido preciso, depois, sim, lhe dará o sentido e a emoção que quiser. Reveja Carlos Drummond de Andrade procurando a definição da palavra "reportagem", uma coisa que afinal de contas todo mundo sabe o que é.

Releio alguns poemas desses moços; encontro às vezes, em alguns versos, uma rala poesia; depois tropeço em frases hábeis e obscuras, palavras escolhidas que se juntam com certa surpresa para não dizer nada. E penso que a alguns deles não falta mesmo talento, não falta nem poesia, talvez feita apenas um pouco de humildade. Mais de uma vez me deram a impressão de estar jogando com um baralho do qual não conhecem tôdas as cartas. Gostaria de lhes dizer que Deus protege os inocentes; isso tem acontecido até mesmo em arte, mas é muito raro, e é preciso que o inocente tenha verdadeira inocência.

Nessa revista que leio há, entretanto, dois trechos em prosa que me comovem, e são de duas moças. Como seria fácil criticá-los! Eu mesmo, que sou apenas um prático em fazer prosa sob medida e a prazo fixo, eu, paciente e ligeiro pintor de esquadrias, eu mesmo poderia criticar alguma coisa dessa prosa. Mas sinto que para essa geração um pouco aflita e desarvorada a prosa é mais fácil de ser humana; como que esses moços se distraem um pouco, se esquecem por instantes de que precisam ser "rimbauds" e afinal dizem alguma coisa — que numa das moças é poesia, na outra é uma tentativa sincera e inteligente de pensar as coisas do mundo, de dar uma ordem ainda que precária a tudo que recolhem seus nervos na vida e nos livros.

Não juntarei seus nomes a estes elogios sem valor, pois não quero ferir nem alisar vaidades, e, afinal, não tenho nada com isso — os moços que se avenham com os críticos moços ou velhos. Eu sou um vedor de quadros e um leitor de versos e me queixo dos logros e me alegro das alegrias que me dão.

8.4.49